

1.13 INCLUA ESPINOSA EM VOCÊ

(DISCURSO DE ESPINOSA AO RECEBER
JEAN-LUC NANCY NA ACADEMIA DOS FILÓSOFOS)

[INCLUDE SPINOZA IN YOURSELF]

PHILIPPE CHOLETⁱ, Paris, 23 de janeiro de 2022.

Universidade Marc Bloch – Strasbourg, França

Resumo: Esse discurso fictício, escrito por Espinosa para receber Jean-Luc Nancy, no panteão dos filósofos, após a sua morte, trata da relação entre os pensamentos de Espinosa e Nancy. Discute as suas profundas afinidades em torno do modo finito da existência, do corpo, da alma, da democracia da liberdade e da alegria, sem esquecer de apontar igualmente para as suas diferenças.

Palavras-chave: Espinosa; Jean-Luc Nancy; modo finito; corpo; alma; existência; alegria

Abstract: This fictitious speech, written by Spinoza to welcome Jean-Luc Nancy to the pantheon of philosophers after his death, deals with the relationship between the thoughts of Spinoza and Nancy. It discusses their profound affinities around the finite mode of existence, the body, the soul, democracy, freedom and joy, without forgetting to point out their differences.

Keywords: Spinoza; Jean-Luc Nancy; finite mode; body; soul; existence; joy

“... nos homens, em todos e em cada um, o que pensa é a natureza do corpo. Pois o que predomina instaura o pensamento”¹.

Prólogo

Transportemo-nos, por alguns instantes, para o Panteão dos Filósofos, onde se realizam as sessões da Academia dos Filósofos, uma Academia fundada pela alma imortal de Platão logo após a sua morte terrena, por volta de 347 antes de Jesus Cristo, com a permissão de Zeus, Apolo e Dionísio.

É costume, ao morrer um verdadeiro filósofo, que outro filósofo, também verdadeiro, lhe dê as boas-vindas com um Discurso de Recepção. Platão deu as boas-vindas a Aristóteles, Epicuro a Lucrécio, Zenão a Epiteto, Montaigne a Descartes, etc. É bem organizado.

O único que até agora escapou dessa obrigação foi Espinosa, por causa do "mau espírito" e "flagrante falta de consciência de classe", como está dito a seu respeito nas atas administrativas. Isso já estava escrito no seu boletim escolar quando ele era criança... Ninguém se refaz.

Ignorando isto, a Assembleia o obrigou, sob pena de privá-lo do fornecimento de vidro para as suas lentes, a receber pelo menos um Filósofo, um verdadeiro, ao menos uma vez... e eis que, ó alegria da contingência, ó oportunidade divina, foi Jean-Luc Nancy a quem ele teve de se apegar.

Ele consente, com relutância, mas sem má-fé, e com seriedade, como se poderia esperar de tal personagem. Cabe ademais lembrar que o dito Espinosa não foi recebido por ninguém (quem poderia ter sido? Até Maquiavel recusou!), que permaneceu numa solidão forçada, aquele que era tão sociável e fervoroso com a comunidade, e que suportou os efeitos do anátema de "cachorro morto" lançado por Moses Mendelssohn...

¹ Cf. o fragmento número 16. São várias as traduções. Traduzi a tradução de Marcel Conche usada por Philippe Choulet. “Car, chez les hommes, en tous et en chacun, la nature du corps est cela même qui pense. Car ce qui prédomine fait la pensée” (PARMÊNIDES, 1996). Esse fragmento foi legado por Aristóteles na *Metafísica*, III, 5, 1009b 21. (N. da T.)

Segue aqui o *Discurso de recepção* de Jean-Luc Nancy por Espinosa composto no final de agosto de 2021 e que ele gentilmente nos transmitiu (e que agora pertence às suas cartas póstumas).

“Caro Modo Finito,

O que poderia eu ter a vos dizer, vós que pareceis ter-me ignorado em vossa obra? O que me consola, porém, é o fato de não terdes sido o único a fazê-lo e, além disso, devo admitir que aprecio muito este silêncio e solidão onde todos, ou quase todos, me deixam – para dizer a verdade, como desconfio de herdeiros e discípulos, que com muita frequência não passam de peritos em mal-entendidos, tampouco os frequento, mesmo quando “póstumos”. Vós mesmo notastes que um bando de espinosismos acabou surgindo... o que me fez rir... Por isso não vos sintais constrangido.

Quanto à minha solidão, sei que ela vos deu a impressão de eu estar um pouco perturbado; mas considerai também que, para mim, ela foi um modo de me salvaguardar no meio de fanáticos – o meu casacão ainda se lembra... Não fui um anacoreta doente, mas um homem prudente, a não ser, eu vos concedo, nesta história dos *ultimi barbarorum*...²

Devo, no entanto, jogar o jogo, nem que seja para prestar homenagem à vossa essência de ser humano pensante e à maneira como a alcançastes.

Pois vede bem, Sr. Nancy, aqui está uma primeira discordância: como Descartes, começastes com o cogito e, como os aristotélicos e os cristãos, com as “criaturas”, como se costuma dizer. Isto terá orientado o porvir de toda a vossa obra, em torno das várias formas do cogito, dos diferentes avatares do cristianismo, incluindo a questão da criação e isto até mesmo nas suas meditações sobre o ser heideggeriano... O que vos interessa é

² No dia 20 de agosto de 1672, os irmãos Jan e Cornelis De Witt, influentes políticos holandeses que Espinosa admirava e apreciava, foram linchados numa atmosfera de histeria coletiva. A cena foi de terrível violência, com a massa surrando os cadáveres já esfolados e dependurados. Espinosa disse que iria colocar nesse lugar uma placa com as palavras “*ultimi barbarorum*”, os piores dos bárbaros. Seus conhecidos o dissuadiram, fechando-o na casa de um deles. Diz-se que ele ficou lá dentro gritando: “Os monstros. Os monstros...”. Para uma pintura de época do massacre, veja o quadro de Pieter Frits, *Moord op de gebroeders De Witt*, que se encontra no museu de Haia. Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Moord_op_de_gebroeders_De_Witt_door_Pieter_Frits_%281627-1708%29.jpg>.

o mundo dos entes e, quando digo entes, não estou falando como aquele Leibniz que tanto me irritou com o mundo dos peixes num lago...³

Nisto, posso bem ver o traço idealista do Senhor Ricoeur – a quem me sinto grato por ter chamado tão apropriadamente o Axioma da Parte IV da minha *Ética*: “axioma da finitude”, ou seja, sendo dado um modo finito, ele necessariamente encontrará outros modos finitos que acabarão por destruí-lo.

Vós, querido modo finito, acabastes de experimentar essa verdade e realidade... Lamento, mas é isso que a vida quer... Bem, não sei realmente o que a vida quer, de fato, para além dela mesma... Talvez não queira nada, exceto vós e eu e a nossa preservação, mesmo póstuma. Quem sabe...

Retorno a este assunto do cogito, porque vós bem podeis imaginar que haja aqui uma discordância de método, já que, para mim, perdoai-me! – a verdadeira filosofia começa com Deus, a Substância única e infinita e a Natureza naturante e, certamente, não com a consciência, mesmo que racionalizada, do Eu, mesmo que a tendais conectado tão bem ao “nós” e ao comum.

Farei aqui uma certa brincadeira, porque, como sabem, não só sou judeu como também um fervoroso amigo do prazer, do riso e das cócegas mútuas dos espíritos uns nos outros, pois pequenas alegrias reforçam a nossa potência de existir. Ah, o roçar dos espíritos é muito melhor do que o esfregar dos ventres de que cínicos e estoicos tanto falavam!

Assim, no “modo finito”, não há apenas finitude (doença, sofrimento, lesão, deficiência, morte, idiotice, besteira, estupor, superstição, fanatismo, paixões tristes e ignorância...), há também a possibilidade da finição, da perfeição, como explico no Prefácio da *Ética*, IV: a perfeição é deste mundo. Permito-me vos citar:

“Ser não é “ser pela metade”, é estar presente e realizado, completo, finito e, a cada vez, por si só, terminal, final, executado... Resta saber se a execução, a finição é finita ou infinita” (NANCY, 1996, p. 144).

Este infinito da finição, vós situais no pensamento e na arte, ao passo que eu o situo no desejo de razão, de ética, no desejo de conhecimento... Além disso, vós escreveis:

³ Cf. LEIBNIZ, *A Monadologia*, p. 67. “Cada porção da matéria pode ser concebida como um jardim cheio de plantas ou como um lago cheio de peixes. Mas cada ramo de planta, cada membro de animal, cada gota de seus humores é ainda um jardim ou um lago” (1974).

"O desejo de arte, um desejo para além de qualquer objeto de sentido, o desejo do sentido do próprio desejo. Talvez Espinosa reconhecera aí o seu *conatus*, Nietzsche, a sua vontade de eterno retorno e Heidegger, a sua decisão de existir" (NANCY. 2004, p. 71).

Vistes isto? Li a vossa obra, mas não toda, infelizmente, pois escrevestes muito, ó grafômano... Devo dizer que finalmente vos tornastes perfeito no vosso gênero, em conformidade com a vossa essência de homem pensante (pois "o homem pensa", tal é o meu cogito, um cogito genérico... – não irei mais longe aqui...), que conseguistes exercer a vossa virtude, ou seja, a vossa realidade, a vossa potência e perfeição.

Isto envolveu todo o vosso ser como marido, pai, amigo, escritor, filósofo e professor – ainda hoje, a vossa voz pode ser ouvida no bonde elétrico de Estrasburgo – esta voz que diz: "Estamos chegando na parada da Universidade", e vós pronunciais "parada" à maneira do sudoeste: "par"... "par-ada da Universidade", o que vos convém, pois sonhais com o universal...

Isto me faz sorrir, porque me lembro do Leibniz que mencionei anteriormente, que ousou me oferecer um emprego na Universidade... que ingênuo! Como se eu fosse ganhar a vida enfrentando fanáticos como aquele Albert Burgh⁴... As lentes de vidro, ao menos, são silenciosas...

Bem... se me é permitido dizer algo assim! Como estou nesta Academia sob observação, vou tentar vos mostrar como entendo a nossa diferença e a razão profunda da minha simpatia.

Vamos então. Só que, de agora em diante, vos chamarei de você, tendo em vista todo o que tempo que passaremos juntos a partir de agora.

[Num tom enfático, parodiando Malraux no discurso dedicado a Jean Moulin...]⁵

"Entre aqui, Jean-Luc Nancy, o de nomes tão bonitos...,

com o sublime simbolismo dos nomes dos apóstolos, João e Lucas, e aquela da cidade de Nancy na *Place Royale*, mesmo que... [hesitação...], depois de ter consultado a biografia

⁴ Albert Burgh foi um discípulo de Espinosa que se converteu ao catolicismo e escreve para Espinosa lhe implorando para fazer o mesmo. Numa troca epistolar entre ambos, podem-se ler comentários valiosos de Espinosa sobre o seu próprio Tratado Teológico Político e como Espinosa o insulta pela arrogância de sua tentativa. (Cf. *Spinoza's Theological-Political Treatise. A Critical Guide*, 2010).

⁵ No dia 19 de dezembro de 1964, André Malraux pronunciou um de seus discursos mais célebres no Panteão de Paris, em frente ao General de Gaulle, quando as cinzas de Jean Moulin, grande herói da resistência francesa, foram depositadas no Panteão. Para ouvir o discurso de Malraux, cf. <<http://www.mheu.org/en/timeline/malraux.htm>>.

do seu corpo erótico, se possa encontrar até uma ligeira propensão para uma Nancy, uma certa Nancy Sinatra e o seu "*These boots are made for walking*"⁶ ...malandro!). Sei que você presta muita atenção aos nomes (eu também: Baruch, Bento, Benedito, Abençoado..., mas não pelos deuses, eu garanto...) e você tem razão, há uma espécie de efeito do significante...

Bem-vindo, você merece esta recepção, porque você é da raça daqueles filósofos singulares que observam o mundo...

Claro que você teria preferido o método analítico ao sintético (o meu, de fato – mas "ninguém é perfeito", como dizem os burgueses e os cristãos... que eu perdoo, pois eles me protegeram do ódio).

Lendo você, compreendi o interesse da sua maneira – mesmo que isso não me reconcilie com Descartes... Não sou eu que haveria de morrer de pneumonia contraída ao dar aulas de filosofia a uma rainha na Suécia... Morri de tuberculose, solitário, no meu pequeno quarto lá em cima, em Haia, com os meus livros no rés do chão.

Mas voltando a esta história do "modo finito", ou do ente, como você chama, junto com este Heidegger (eis outro que me ignorou e eu também sei por quê...). Admito que não queria aprofundar mais esta questão da finitude, da contingência, da duração da existência, do tempo da história, do acontecimento, da surpresa e do discurso, porque a minha única preocupação era expor a lógica de ser do ponto de vista de Deus, da Natureza naturante, para assim lançar uma luz sobre a lógica da Natureza naturada.

Mas quanto a você, visivelmente, é a Natureza naturada que lhe excita – deve ser um fundo de masoquismo... Meu pobre companheiro, contra quem você não deve ter se debatido! Admiro a sua coragem de combatente... para enfrentar (em vão, creio eu) toda esta vaidade e este disparate. É que você se interessa por tantas coisas que eu só tratei a distância, bem do alto. A vantagem de permanecer na lógica da ontologia é não ter de enfrentar os fenômenos, tão vãos, tão ridículos, tão repetitivos... Nós não temos a mesma *episteme*, como se diz agora, mas é a história que quer isso...

Vou fazer mesmo assim uma pequena lista dos temas dos seus pensamentos no caso de você sofrer de amnésia:

– os corpos,

⁶ “Essas botas são feitas para andar”, referência à famosa melodia cantada por Nancy Sinatra, que se tornou o *hit* número 1 em 1966, quando lançada, nos EUA. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=SbyAZQ45uww>>.

com a sua composição interior: as suas patologias, os seus sofrimentos, os seus cânceres, o seu coração natural, o seu coração cirúrgico, os seus rins, os seus pulmões, a sua circulação sanguínea, e mesmo a sua pele, tantas vezes ferida, pela faca, pelo machado, pela serra eléctrica – você foi um artesão manual, como eu... –, e o acidente, a queda no Japão... noto, no entanto, a capacidade de resistência do seu cérebro, que nunca abandonou você... a alma pensa sempre, dizia Descartes...

com a sua composição exterior, as suas esposas, os seus amores – eu, que só tive uma, de amor, do qual fui privado pela ortodoxia fanática –, os seus amigos, os seus cúmplices, a sua comida, as suas roupas, os seus chapéus, os seus objetos, os seus ritos, as suas máquinas – eu gostava de seu apetite pela técnica... "contato!", disse alguém no seu funeral...

com essa sua força: você provou o meu axioma, "ninguém sabe o que pode um corpo", com o seu corpo de Titã, você foi o seu corpo, potente por ter sido afetado e por afetar e resistir a tanta coisa...

– E quanto às almas? – Aí, evidentemente, eu desaprovo um pouco, pois você teria hesitado entre a alma segundo Platão e a alma segundo Descartes... E veja como as nossas almas se encontram num lugar fictício, e talvez seja uma ilusão, como Chuang-Tsu sonhando que é uma borboleta quando é a borboleta que sonha que é Chuang-Tsu... E você, Jean-Luc, o que você sonhou ser, lá no fundo, hein? E que borboleta sonhou ser Jean-Luc Nancy... ou Espinosa?

A alma, então. Penso saber, ó herege, que você compartilha em certa medida a minha opinião: a alma é a ideia do corpo, a série das ideias do corpo, nada mais. Você se referiu algumas vezes a Freud, que disse: a psique é extensa, mas ela não sabe disso... Esta é a lição da sua doutrina sobre o corpo e dos seus escritos tão aguçados e verdadeiros sobre o corpo, sobre o seu próprio corpo frágil, doente, sofredor e ansioso. Creio que você tem razão: não há nada mais do que o corpo, mesmo que doente (a doença não é uma objeção e Schopenhauer, a quem desprezo, diga-se de passagem, pela sua melancolia, está errado). Como diz Parmênides:

“Pois, nos homens, em todos e em cada um, o que pensa é a natureza do corpo. Pois que predomina instaura o pensamento”.

E me parece que você admitiria prontamente a ideia de haver várias almas de acordo com os vários sistemas de ideias (por exemplo, quando leio os epicuristas, sou um pouco

epicurista, até porque eles foram os que pronunciaram a menor quantidade de disparates na Antiguidade) e, assim, você pode ter tido várias almas, uma alma, platônica, cartesiana, leibniziana, kantiana, hölderliniana, hegeliana, nietzscheana, marxista, heideggeriana... de acordo com o seu ritmo. Esta ideia de que a alma é apenas a série múltipla de múltiplas ideias do corpo me foi soprada por um admirador, um certo Nietzsche, de Leipzig, outro homem revolucionário, que foi recebido aqui por Heine, um judeu muito espirituoso.

Além disso, esta questão da singularidade..., conquistada através do trabalho, da produção, dos processos – você teve muitas dúvidas sobre a criação, fez bem... pois a verdadeira filosofia é o conhecimento das coisas singulares, de todas as coisas que buscam se tornarem singulares, se produzirem singulares...

Você vê, há afinidades entre nós e você teria chegado lá seguindo o seu próprio caminho. Poderia enumerar os momentos em que você pensou em mim, seja por desvios, por *flashes*, por enganches, como se por um "passo ao lado" ou por um remorso, como se por um estrabismo divergente horizontal, uma olhadela na sua página, uma outra na página do vizinho...

A lista é longa, vou encurtá-la, como em relação à *Ética*...

– Somos democratas, você mais do que eu – questão de época... você constatou que a democracia é guerra... de opiniões, de convicções, de anátemas... é até mesmo uma ciberguerra. Mas é também o resgate de um princípio, a saber, que cada homem pensa e é sempre suficientemente livre para julgar – não há necessidade de esperar pela "libertação"... um tema mais raro do que o da "liberdade" em sua obra... Há uma espontaneidade da experiência da liberdade – para os estalinistas que quiseram me resgatar teria sido melhor ler o início do capítulo XX do meu *Tratado Teológico-Político*...

– Que Deus é uma coisa extensa, você defendeu esta ideia em relação à arte – à pintura de Cy Twombly para ser mais preciso, que "pinta deuses sem rosto", feitos de manchas e linhas... (NANCY, 1987, p. 44). Mas se Deus é uma coisa extensa – você seria então um imanentista? – isto lhe permitiria defender o processo de produção contra o milagre da criação: "*deus sive natura sive machina*", *machina ex machina (ex natura* como você diz em *Ser singular plural* [NANCY, 1996, p. 145]). Isto reverbera em seu pensamento da liberdade como necessariamente ligada à necessidade:

"Esta necessidade poderia muito bem ter de ser identificada de outra forma que de acordo com a necessidade de uma dedução ou produção. Por exemplo, enquanto "liberdade": sem dúvida, não é de outra forma que a substância espinosista existe necessariamente e é necessariamente livre (a única que é assim). É necessariamente livre que haja alguma coisa [e *sem razão, eu acrescentaria*]. Esta necessidade é a passibilidade da liberdade, a qual não somos livres para aceitar ou recusar. Ela não é nossa: é aquela da existência. (O pensamento de tal liberdade é sem dúvida o pensamento mais difícil: pois o pensamento deve nela apreender-se, deve nela tocar a si mesmo como uma *coisa* desta liberdade. Aqui novamente, num modo espinosista: pensamento como um atributo da substância única, que ela coexprime com esse outro atributo, a extensão... Espinosa talvez seja o único a oferecer manifestamente um pensamento-coisa (ou a abrir-se para ele)" (NANCY, 1991, p. 204-205).

Obrigado por este momento... de reconhecimento.

Uma penúltima palavra antes de concluir.

Observo que você me "encontra" ao refletir sobre o significado da *Ética* (*Ética* como livro e *Ética* como doutrina), como *prima philosophia*, ontologia e doutrina da liberdade/necessidade, em *La pensée dérobée* [O pensamento desnudado], onde você me consagra várias páginas (NANCY, 2001, p. 130-137). Mas eu reajo aqui: após um longo desvio, você precisa passar por Heidegger e pela análise existencial da liberdade... É normal que seja longo, a filosofia dos professores é sempre mais longa do que a Filosofia simplesmente – simplesmente é o caso de dizer... E você observa que eu não precisava deste longo desvio, que fui diretamente no osso. No entanto, eu me sensibilizo com este destino que requer tanto dispêndio de energia: por natureza, o grafômano não é conciso, o que é bem sabido.

Dito isto, esta velocidade de pensamento que Lucrecio elogia, você foi capaz de exercer no seu modo de presença: intensidade, concretude, concreção, compacidade, densidade, em suma, a seriedade da tarefa da existência: presença, como você diz. Aquilo que chamei "potência de afirmação". Também entendo por que você não precisava falar de mim; é porque você é no fundo um espinosista, nas raízes da sua vida e do seu pensamento.

Termino portanto o meu elogio com a questão da alegria que nos une, porque ela está ligada à eternidade, à experiência da eternidade. As paixões tristes (a angústia do seu

Heidegger) pertencem ao tempo da duração, ao duro tempo da duração. A alegria é êxtase fora do tempo e por isso desejamos o seu infinito retorno. Esta alegria, que você considera "sem atributos" (NANCY, 1991, p. 143), você a encontra no "cortante da decisão" de Heidegger e propõe uma reescrita espinosista de *Ser e Tempo...* (NANCY, 1991, p. 142). Você chega mesmo a ligar a sua "ética original" à minha concepção de beatitude como virtude... (NANCY, 2001 p. 113). Eu me pergunto se é uma boa ideia – pois não vejo bem a ligação entre uma filosofia de angústia e uma filosofia de alegria...

Bem, já que temos a eternidade, você me dirá...

Mas aqui, mais uma vez, você teve uma ideia que me é cara: enquanto os homens desejam ser felizes e usar a sua imaginação para inventar meios para consegui-la, você e eu compreendemos uma coisa: que devemos começar pela beatitude, pela felicidade, pela virtude, ou seja, pela alegria, e o resto haverá de seguir. Cito você, com Hölderlin no pano de fundo:

"É através da alegria que você fará o esforço de compreender o puro em geral, os homens e todos os seres; graças a ela, você apreenderá tudo o que é essencial e característico, todos os encadeamentos sucessivos; repita para você mesmo, na sua conexão, as partes componentes deste encadeamento até que a percepção viva jorre novamente, de maneira mais objetiva do que o pensamento, pela alegria, antes que a necessidade intervenha; a inteligência que procede apenas da necessidade é sempre enviesada"⁷.

Sim, mil vezes sim, é preciso começar pela alegria para se tornar verdadeiramente inteligente; é preciso partir da alegria como potência de afirmação da singularidade da existência para chegar a conhecer, saber, pensar, julgar; devemos começar pela felicidade, pela potência de existir. Esse Nietzsche a quem me referi anteriormente conta que um discípulo pergunta ao seu mestre: "O que devo fazer para me tornar feliz? A resposta é: "Seja feliz e depois faça o que tem de fazer"⁸. Creio que esta é uma das lógicas secretas da sua maneira de pensar e do seu estilo de existência. Este eixo sólido em você de alegria, potência e beatitude me faz compreender por que você teria sentido não ser necessário

⁷ Essa passagem foi extraída do texto de Jean-Luc Nancy, "La joie d'Hypérion" escrita como se fosse de Hölderlin para Hölderlin. (Cf. NANCY, 1983, p. 177-194).

⁸ Nietzsche, Fragmento póstumo 4[38], do final de 1882. No original, "Was muß Ich thun, damit Ich selig werde? Sei selig und thue, was du thun mußte". (NIETZSCHE, 1988, p. 118).

falar de mim, porque você não precisava, já que você é... um Espinosista, e eu lhe felicito por isso.

Portanto, veja você, Sr. Nancy, há muitas razões para ser eu a lhe desejar as boas-vindas, a vinda de muitas coisas: para começar, a sua vida terá sido uma eterna verdade de fato, porque você viveu, e isto ninguém pode extirpar de você e nem daqueles que amaram você. Acredito que a sua retidão faz dela também uma verdade eterna de direito, e nisto você é um exemplar do que a vida pode ser na sua forma superior – mas não um exemplo ou um modelo.

Eu, de minha parte, fiquei com a eterna verdade da consideração do triângulo retângulo. Reconheço que isto não é muito "excitante". Você foi mais generoso do que eu, ao concedê-la a toda existência (mais uma vez, você é mais democrático do que eu!)... Você escreve: a experiência da eternidade é uma "experiência cotidiana, e isso significa imediatamente que esta experiência não aparece para nós"... "As vidas inaparentes se eternizam sem brilho explosivo [*éclat*] mas sem anular as suas obras e nem as suas verdades" (NANCY, 2004, p. 52).

[Mais uma vez, num tom enfático à la Malraux...]

Portanto, sim, Jean-Luc Nancy, bem-vindo ao universo infinito em expansão dos Bem-aventurados e das múltiplas almas bem felizes, que sabem, como você nos lembrou muitas vezes, que a virtude não precisa de recompensa, pois ela se basta a si mesma, beatitude e liberdade supremas... O mundo está transfigurado e todos os deuses se alegram ao ver você".

Referências bibliográficas

LEIBNIZ. *A Monadologia*. In: *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

MELAMED, Yitzhak Y.; ROSENTHAL, Michael E. (eds.). *Spinoza's Theological-Political Treatise. A Critical Guide*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

NANCY, Jean-Luc. *Chroniques Philosophiques*. Paris: Galilée, 2004.

NANCY, Jean-Luc. *Des lieux divins*. Mauvezin: Trans-Europ-Repress, 1987.

NANCY, Jean-Luc. *Être Singulier Pluriel*. Paris: Galilée, 1996.

NANCY, Jean-Luc. La joie d’Hypérion. *Les Études Philosophiques*, abril-junho 1983, n. 2, ROMANTISME ALLEMAND – II.

NANCY, Jean-Luc. *La pensée dérobée*. Paris: Galilée, 2001.

NANCY, Jean-Luc. *Une pensée finie*. Paris: Galilée, 1991.

NIETZSCHE, Friedrich, *Nachgelassene Fragmente 1882-1884, KSA*, Berlim/NY: dtv/de Gruyter, 1988.

PARMÊNIDES. *Parménide, Le Poème. Fragments*. Trad. Marcel Conche. Paris: P.U.F., coll. Epiméthée, 1996.

Tradução: Márcia Sá Cavalcante Schuback

ⁱ **Philippe Choulet** é professor da Universidade Marc Bloch, Strasbourg, França. Editor da Revista *Animal* e do *Cahier Jean-Luc Nancy*. Autor de vários livros, entre outros: *Nature et culture* (1990), *Nietzsche, l’art et la vie* (em colaboração com Hélène Nancy, 1996), *La passion* (2004). **E-mail:** philippe.choulet@yahoo.fr